

BB 80/2026

**GELDIPA GUIMARÃES E JULIETA FELIZARDO LEÃO, DUAS ESQUECIDAS
MULHERES DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL**

Guilherme Barp

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/
Campus Caxias do Sul

RESUMO: Este artigo tem como ponto de partida um texto de *A Mensageira*, revista literária dedicada à mulher brasileira, veiculada em São Paulo entre 1897 e 1900, na qual estão mencionadas duas esquecidas mulheres do Rio Grande do Sul, que se vincularam, de certa forma, à área de Letras. Partindo de tal texto, o propósito deste artigo é investigar dados referentes às trajetórias e às produções de Geldipa Guimarães e Julieta Felizardo Leão, buscando colaborar para a reconstrução histórica de suas vidas e obras, além de reduzir o processo de apagamento da memória de mulheres do século XIX. A metodologia adotada baseia-se em revisão bibliográfica e documental, utilizando tanto fontes secundárias, como pesquisas acadêmicas, quanto fontes primárias, entre elas periódicos da época e outros registros históricos escritos. Nesta pesquisa, foram identificados acontecimentos, datas, ofícios e produções escritas, entre outras descobertas, relacionados a essas mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Geldipa Guimarães; Julieta Felizardo Leão; resgate; fontes primárias; século XIX.

ABSTRACT: This paper takes as its starting point a piece from *A Mensageira*, a literary magazine dedicated to Brazilian women and published in São Paulo between 1897 and 1900, in which two forgotten women from Rio Grande do Sul, who were in some way connected to the fields of Language and Literature, are mentioned. Based on this piece, the purpose of this paper is to investigate information concerning the trajectories and intellectual productions of Geldipa Guimarães and Julieta Felizardo Leão, seeking to contribute to the historical reconstruction of their lives and works, as well as to address the silencing of nineteenth-century women. The methodology adopted consists of a bibliographic and documentary review, drawing on both secondary sources, such as academic studies, and primary sources, including periodicals of the time and other written historical records. This research identified events, dates, professions, and written works, among other findings, related to these women.

KEYWORDS: Geldipa Guimarães; Julieta Felizardo Leão; recovery; primary sources; 19th century.

Introdução

A busca da presença de escritoras na imprensa feminina e/ou feminista do século XIX é uma modalidade de investigação que tem se mostrado muito enriquecedora para os Estudos

Literários e de Gênero. Essas pesquisas não apenas estendem o conhecimento sobre a vida e a obra das autoras e a existência de periódicos, como irrompem discussões relacionadas à memória cultural. Assim, a partir de fontes primárias, pode-se dar visibilidade novamente a letradas que permaneceram à margem das histórias, reinserindo-as no horizonte contemporâneo.

Nesse sentido, a revista *A Mensageira* tem um papel relevante. Por volta do fim do século XIX, no período da Primeira República brasileira, iniciou-se a circulação do periódico, lançado em São Paulo, pela escritora mineira Presciliana Duarte de Almeida. Segundo Knapp (2020), a revista teve um total de 36 edições, com uma periodicidade quinzenal de 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898; já de fevereiro de 1899 a janeiro de 1900, passou a ser publicado mensalmente. A assinatura custava 12\$000 réis por ano, com pagamento adiantado, podendo-se adquirir um número avulso por 1\$000 réis.

A Mensageira possuía uma orientação política feminista, como destacado por Kamita (2004, p. 164), a qual salienta que, ao contrário de o que era frequentemente disseminado às mulheres, como trabalhos manuais, moda, culinária, puericultura, *A Mensageira* buscava “discutir questões relativas à emancipação da mulher, com a veiculação de textos literários, artigos que tratassem do tema, além dos editoriais com a reflexão crítica acerca da situação feminina.” Assim, em suas páginas, estão presentes contos, poemas, crônicas, ensaios, resenhas, necrológios, notícias e textos culturais. Esses conteúdos provêm da linha editorial proposta por Presciliana, que procurava “estabelecer entre as brasileiras uma *sympathia* espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo — sonho de poeta ou fructo de observação acurada [...]” (Almeida, 1987, p. 1).¹ Portanto, a editora queria garantir o acesso à arte e à informação às suas leitoras.

A presença de mulheres do Rio Grande do Sul nas páginas de *A Mensageira* é marcante. Personalidades que executavam diversos ofícios na época foram mencionadas, como: Amália Iracema, cantora; Rita Lobato Velho Lopes, Antonieta César Dias Morpurgo e Ermelinda de Sá, médicas; e Gabriela de Matos, estancieira. Ademais, são nomeadas, na revista, vinte “mulheres de Letras” diferentes, sendo elas: Cândida Abreu; Maria Benedita Bormann; Paula Ferreira; Rideline Ferreira; Amália Figueiroa; Cândida Fortes; Luísa Cavalcanti Guimarães; Carolina von Koseritz; Ana Aurora do Amaral Lisboa; Carlota do

¹ Para este estudo, foram usados os dois volumes da edição fac-similar da revista, publicados pela Imprensa Oficial do Estado e pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo em 1987. Além disso, manteve-se a grafia original da época, em caso de citações de textos do periódico.

Amaral Lisboa; Zamira do Amaral Lisboa; Tercília Nunes Lobo; Revocata dos Passos Figueiroa de Melo; Revocata Heloísa de Melo; Julieta de Melo Monteiro; Andradina de Oliveira; Maria Clara da Cunha Santos; Geldipa Guimarães; e Julieta Felizardo Leão.

Enquanto alguns dos nomes supracitados possam parecer familiares aos estudiosos da literatura feminina estadual, como as irmãs Revocata e Julieta de Melo ou Andradina de Oliveira, proprietária da revista *Escrínio*, os dois últimos são pouco conhecidos nos dias atuais. Contudo, a partir da presença de Geldipa Guimarães e Julieta Felizardo Leão nas páginas de *A Mensageira*, viabilizam-se resgates histórico-literários.

Geldipa aparece no número 3, do ano 1, de 15 de novembro de 1897, da revista. Ela está mencionada numa carta enviada por Ibrantina Cardona² à editora da revista, Presciliana. Nela, Cardona (1897) enfatiza que, apesar de a revista veicular escritos de diversas autoras do Norte, havia também, no Sul, mulheres produzindo literatura. Revocata é mencionada como “astro de primeira grandeza”, enquanto diversas outras citadas, incluindo Geldipa, seriam seus “satélites”. Isso indica que Cardona conhecia Geldipa e que Geldipa estava inserida nos sistemas literário (Even-Zohar, 2013) e cultural sul-rio-grandenses da época.

O nome de Julieta, por sua vez, foi localizado no número 22, do ano 1, de 30 de agosto de 1898, do periódico. Ele está inserido num artigo de crítica literária, escrito por Damasceno Vieira,³ sobre *Preludiando* (1897), obra de estreia de Andradina de Oliveira. Vieira (1897) destaca todas as dedicatórias da prosadora, num arrolamento, dentre as quais está Julieta. Essa inclusão demonstra que Julieta fazia parte do círculo social de Andradina e que, possivelmente, também integrava os sistemas literário e cultural sulinos do fim do século XIX, juntamente a outras “cultoras de letras”, nas palavras do autor.

Dessa maneira, a partir desses dois textos, constata-se como periódicos da imprensa de mulheres, observados pelas lentes de um pesquisador contemporâneo, podem servir para descobrir mais sobre autoras que ainda carecem de atenção de estudiosos das literaturas brasileira e sul-rio-grandense, além de combater o memoricídio (Duarte, 2022) de que foram vítimas.

Quem seriam, pois, Geldipa Guimarães e Julieta Felizardo Leão, mencionadas na imprensa feminista oitocentista, mas ausentes de dicionários bibliográficos temáticos —

² Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona nasceu em 1868, em Nova Friburgo, e faleceu em 1956, em São José do Rio Pardo. Com cinco anos de idade, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde morou em Jaguarão e Pelotas. Publicou diversas obras de poesia e colaborou expressivamente com a imprensa. Fez parte da Academia Fluminense de Letras (Muzart, 1999).

³ João Damasceno Vieira Fernandes nasceu em Porto Alegre, em 1850, e faleceu em Salvador, em 1910. Foi funcionário público e escritor, produzindo poesia, conto, crônica, romance, ensaio histórico, crítica literária e dramaturgia. Foi membro da Sociedade Partenon Literário e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Luca, 1999).

brasileiros, sul-rio-grandenses e de mulheres —, como o de Blake (1895; 1899), Villas-Bôas (1974), Martins (1978), Flores (2011), Coelho (2002), e histórias da literatura, tal qual a de Cesar (1971)? O objetivo deste artigo é investigar informações relativas às vidas e obras de Geldipa Guimarães e Julieta Felizardo Leão, a fim de contribuir para a recuperação histórica de suas trajetórias e produções intelectuais, bem como para a redução do memoricídio de mulheres do século XIX. Como metodologia, utiliza-se revisão bibliográfica e documental, a partir de fontes secundárias, como trabalhos acadêmicos, e primárias, tais quais impressos da imprensa periódica e outras fontes históricas escritas.

Geldipa Guimarães e Julieta Felizardo Leão: rastros biobibliográficos

Em fontes secundárias de pesquisa, localizou-se uma menção a Geldipa Guimarães na dissertação de mestrado em História de Linara Bessega Segalin, intitulada “*Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras?*” As mulheres nos almanaques gaúchos (1889-1910)”, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2013. Segalin (2013) pesquisou as representações de gênero e poder no *Almanaque Popular Brasileiro* e no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, ambos editados no RS. De acordo com levantamentos produzidos pela estudiosa, nota-se uma expressiva colaboração feminina nessas fontes primárias, compilada em tabelas, em que se pôde encontrar o nome de Geldipa ao lado de outros. Na edição de 1893 do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, Segalin (2013) informa a existência de um texto de sua autoria.

Como tal edição não está disponível na Hemeroteca Nacional Digital, foi necessário buscá-la em acervos de outras bibliotecas. Pôde-se encontrá-la no setor de Coleções Especiais e Obras Raras da Universidade de Caxias do Sul, na Coleção Especial Laudelino Teixeira de Medeiros. A edição consultada mede 17,5cm de altura e tem por volta de 12,2cm de largura. Ela está sem capa e contracapa, sendo que a primeira folha, não paginada, possui uma biografia de Francisco Lobo da Costa, e a última, também não paginada, um anúncio de loja de óculos de Porto Alegre. Na parte literária do *Almanaque*, na página 199, a criação de Geldipa foi localizada:

Figura 1 – “Saudação”, de Geldipa Guimarães

Saudação

A' interessante joven Maria Iveta de Araujo

Querida amiga, eu te saúdo!

Hoje, no doce concheiro do lar, no centro de tua familia dilecta, como és feliz! Possas tu sempre, amiga, gosar duma felicidade perenne, que os teus passos trilhem sempre caminhos juncados de flores, que a sorte nunca te seja adversa, é o que te deseja do intimo dalma a tua amiga sincera, pois possues todos os predicados que tanto concorrem para a realisação e solidez della: formosura da alma, intelligencia precoce, esclarecida por esmerado cultivo, habilidade rara; emfim tudo, tudo.

Nasceste no mez em que a modesta violeta, saindo dentre a espessa folhagem, vem embriagar-nos com seu delicado perfume, no mez em que entra a risonha primavera, essa estação tão bella, que tudo cria, vivifica e produz!

Os campos estão matizados de flores de uma variedade encantadora! Os passaros deleitam-nos os ouvidos com seus alegres trinados! A natureza inteira sauda a feliz percursora do verão! E tu, querida, não sentes tambem a sua influencia? Sim, has de sentir, pois nasceste na estação das flores; é isto como um prenuncio de tua futura felicidade. Eu tambem o sinto hoje, ao felicitar o teu natalicio; e os echos, num brado unisono, repetem commigo:—Sê feliz!

D. Geldipa Guimarães (Arroio Grande)

Fonte: Guimarães (1893, p. 199). Disponível em: Setor de Coleções Especiais e Obras Raras da Universidade de Caxias do Sul, na Coleção Especial Laudelino Teixeira de Medeiros.⁴

Primeiramente, “Saudação” revela interessantes informações extratextuais. Indica que, apesar de mencionada em *A Mensageira* em 1897, Geldipa já atuava literariamente no início da década de 1890, visto que seu texto foi publicado na edição de 1893 do *Almanaque*. Ademais, sua assinatura, acompanhada do local de moradia, situa-a geograficamente no espaço gaúcho, indicando que residia, nesse período, no município de Arroio Grande, no

⁴ Agradeço a Michele Poletto, funcionária da Biblioteca da Universidade de Caxias do Sul, pelo auxílio no acesso ao setor de Coleções Especiais e Obras Raras e no manuseio deste número do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*.

extremo sul do estado, próximo a Pelotas, Rio Grande e Jaguarão. Ainda, demonstra a presença de Geldipa na vida social de sua época, tendo em vista a dedicatória à amiga Maria Iveta de Araújo.

O texto pertence ao gênero textual carta, filiação indicada a partir de alguns elementos, como a saudação inicial, a presença de destinatário, o tom pessoal do corpo da mensagem e o fechamento com assinatura da autora. Contudo, como o que interessou ao organizador Alfredo Ferreira Rodrigues foi, provavelmente, a linguagem de caráter artístico de Geldipa, para veiculação no periódico, não são apresentadas determinadas informações-chave, como data ou endereço do remetente/destinatário, características de cartas formais.

Por sua vez, o assunto é a parabenização pelo aniversário de Maria Iveta de Araújo, possuindo caráter encomiástico. A literatura encomiástica escrita por mulheres brasileiras tem seu início no século XVIII, com Ângela do Amaral Rangel, que pertenceu à Academia dos Seletos e escreveu poesia laudatória. No Rio Grande do Sul oitocentista, essa tendência continuou, a partir das composições de autoras como Tercília Nunes Lobo (Póvoas, 2020) e Anália Vieira do Nascimento (Zinani, 2020), por exemplo. Geldipa insere-se nessa tendência; porém, prefere, estruturalmente, a prosa contínua à versificação, marcando uma diferença formal.

Apesar de “Saudação” se tratar de um texto em prosa, pode-se verificar nele aspectos de prosa poética. Esse gênero literário pode ser definido da seguinte maneira:

Na *prosa poética*, a tônica incide sobre o vocábulo “prosa”, pondo ênfase no fato de se tratar de uma obra em prosa narrativa (conto, novela, romance, crônica) que, no todo ou em parte (trechos, capítulos), se deixa permear por soluções poéticas, admitindo a invasão do “eu” como ator e espetáculo numa atmosfera em que prevalece o “não-eu”: cenário, personagens, enredo*, tudo quanto compõe a narrativa obedece a uma visão poética, de forma a dar impressão, nos casos extremos, de que “o mundo é reduzido a um *ponto de vista* lírico*, equivalente ao ‘eu’ do poeta” (Freedman 1966: 8). (Moisés, 2004, p. 373).

O texto de Geldipa encontra-se em consonância com diversos desses preceitos. Primeiramente, ele possui feição de prosa narrativa, havendo a presença de: tempo cronológico, como no pronome “hoje”, no primeiro, ou, no segundo parágrafo, em “[...] mez em que a modesta violeta [...] vem embriagar-nos com seu delicado perfume, [...] mez em que entra a risonha primavera” (Guimarães, 1893, p. 199); espaço, em “[...] no doce aconchego do lar, no centro de tua família dilecta” e “os campos estão matizados de flores de uma variedade encantadora” (Guimarães, 1893, p. 199); e um protótipo de personagem, a própria Maria Iveta, que protagoniza o acontecimento do relato, isto é, o seu aniversário.

Contudo, nota-se a permeação poética de um eu — a Geldipa — que invade a narração com seu ponto de vista lírico o qual sobressai, por meio da subjetividade, na composição: escreve a partir de um eu para um tu, como em “querida amiga, eu te saúdo!” (Guimarães, 1893, p. 199); cria imagens visuais e sensoriais, tais quais o florescimento da violeta e os campos floridos com cantos de pássaros; trabalha com certa musicalidade, na aliteração em “m”, “n” e sons nasais “nh”, no segundo parágrafo, por exemplo, além de usar excessivamente de pontos de exclamação, alterando a entonação tradicional da prosa; e emprega metáforas e simbolismos, a partir de os passos de Maria Iveta trilharem caminhos juncados de flores e de ela ter nascido na primavera, embriagando com seu perfume como uma violeta, nessa estação de criação, sendo um prenúncio de sua futura felicidade.

O que colabora, ainda, para que “Saudação” seja compreendido como prosa poética é a predominância das funções de linguagem poética e emotiva (Jakobson, 2005) em sua composição. Em relação à poética, nota-se uma preocupação com a criação de um objeto estético — não meramente uma carta informativa tradicional —, subvertendo o formato epistolar convencional para criar uma obra de arte. A emotiva, por sua vez, fundamenta-se na transmissão de emoções e sentimentos presentes nessa parabenização.

Tematicamente, o texto dialoga com a tradição literária brasileira, ao retomar aspectos do Romantismo, conectando o passamento da idade e do tempo com cenas naturais, algo já explorado por Gonçalves de Magalhães anteriormente. As flores e os pássaros, como figuras representativas da natureza nessa escola literária, são retomados, bem como a linguagem descritiva e grandiloquente. Além disso, Geldipa associa-se à tradição ocidental contemporânea à sua época, ao produzir prosa poética, visto que, conforme Moisés (2004, p. 373), “cultivada desde o Romantismo*, a prosa poética surgiu no século XVIII (Bernard 1959: 19 e ss.), mas encontrou o clima ideal no Simbolismo* e correntes posteriores [...]”.

Na página seguinte, o editor do *Almanaque* veiculou a resposta de Maria Iveta a Geldipa:

Figura 2 – “Agradecimento”, de Maria Iveta de Araujo

Agradecimento

A' minha sympathica amiga Geldipa Guimarães

Eis chegado o dia do meu anniversario natalicio, e com elle a aprazivel occasião de receber de minha carinhosa amiga mais uma prova de sua verdadeira estima, mais um *bouquet* florido do seu fecundo genio, mais uma grinalda de rosas de sua intelligencia vasta! Que expressões amenas, que estylo encantador encerra a sua riquissima producção! E como não ser assim, se tudo isso são phrases mimosas nascidas do coração sensível de uma alma candida?

A illustre Mme. de Staël disse: "Tudo quanto existe de divino no coração do homem fica sepultado nas profundas regiões da alma, por falta de expressão." Eu digo: Se ao homem, tendo mais genio que a mulher, faltam expressões, é porque elle só depende do cerebro; este é um vulcão; seu coração uma rocha esteril. *La donna tutto può esprimere*, porque seu coração, se bem que fragil, está repleto de meiguice, de sympathia, de affecto, de ternura, de sensibilidade.

Assim a mulher é toda meiguice, toda affecto, toda sympathia; finalmente, a mulher é toda, toda amor! Portanto, querida, esparges dos labios tantas flores, como do coração todas essas qualidades nobres que acabo de enumerar.

Quizera possuir o estro divino de uma Corina, a eloquencia sublime de uma Aspasia, a erudição vasta de uma Hypathia, para, em phrases repassadas de ternura, manifestar meu eterno reconhecimento á amiga dedicada, que me sauda no dia em que desfolho mais uma petala de minha existencia, e ella tambem, em sua mimosa producção, mais uma rosa do seu jardim florido.

D. Maria Iveta de Araujo (Arroio Grande)

A resposta de Maria Iveta aproxima-se da prosa de não ficção e é marcada pela falta de lirismo, ao contrário da prosa poética de Geldipa. Embora haja certo uso de adjetivação e metáforas, não há preocupação em criar um objeto estético, apenas em responder a uma amiga. Ademais, demonstra considerável acesso à cultura letrada, tendo feito leituras francesas, como *Madame de Staël*, e possuindo conhecimento histórico de figuras gregas, como Corina, Aspásia e Hipátia, e conhecimentos de italiano, demonstrados pelo uso de expressões estrangeiras.

Não foram encontradas citações a Geldipa Guimarães em outras fontes primárias, isto é, nos periódicos da Hemeroteca Nacional Digital, durante os decênios de 1880 a 1930.

Puderam ser localizadas algumas menções a Julieta Felizardo Leão em fontes secundárias de pesquisa, como a feita por Raquel Braun Figueiró em seu trabalho de conclusão de curso em História, *Os deslocamentos do Leão: uma análise da trajetória do médico Sebastião Leão em um contexto racializado* — Porto Alegre de 1866 até 1903, defendido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2007. Figueiró (2007) produz um estudo sobre Sebastião Leão, marido de Julieta, com quem ela teve uma filha. Como ele faleceu aos 37 anos, em 10 de fevereiro de 1903, deixou-a viúva (Figueiró, 2007). Sabendo dessa informação, ao recorrer ao verbete de Sebastião Afonso de Leão em Martins (1978), descobre-se, de sua autoria, a existência de diversas obras intelectuais e colaborações com a imprensa,⁵ de modo que se estima que a família Leão possuía propensão e abertura ao desenvolvimento intelectual. Também, Sebastião Leão foi membro fundador da Academia Rio-Grandense de Letras, conforme o *website* da Instituição, embora não conste no quadro acadêmico dos representantes de cadeiras (Institucional, s. d.). Isso destaca, ainda mais, o questionamento: por que se sabe tão pouco sobre Julieta, esposa de um membro fundador da Academia?

Ademais, há outra citação no trabalho de Rosane Teixeira de Vargas, “Ser mulher, ser artista: as primeiras décadas da Escola de Artes do Rio Grande do Sul”, apresentado e registrado nos *Anais* do XXVI Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, realizado em Campinas, entre 25 a 29 de setembro de 2017. Vargas (2017) revela que Julieta foi uma das três mulheres — com Olinta Braga e Amália Iracema —, juntamente a outros 22 homens, a integrar a comissão organizadora do recém-criado Instituto Livre de

⁵ Sebastião foi, antes da formação de médico, revisor da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre 1883 e 1884, e redator de jornais porto-alegrenses de 1892 até o ano de sua morte (Martins, 1978).

Belas Artes, em Porto Alegre, em 1908. Isso demonstra o respeito que Julieta detinha junto à comunidade, como artista e intelectual, e sinaliza sua dedicação às artes.

Consultas a periódicos da Hemeroteca Nacional Digital nos decênios de 1880 a 1920, a partir das palavras-chave “Julieta Felizardo” e “Julieta Felizardo Leão”, mostraram-se frutíferas. Cumpre informar, inicialmente, o que se localizou em *A Federação* (RS), de Porto Alegre, periódico em que o nome de Julieta foi estampado com grande frequência.

Em número de 21 de janeiro de 1888, há uma notícia relacionada a Julieta. Informa-se que, na vitrine de um estabelecimento comercial não especificado, mantido por João Antônio da Rosa — provavelmente, em Porto Alegre —, havia um retrato a *crayon* de Manoel Corrêa da Silveira Netto, feito por Julieta, filha de Joaquim José Felizardo, que é enaltecida por sua inteligência e gosto artístico (Acha-se... 1888). Isso revela que Julieta era adepta às artes visuais, mais especificamente, à elaboração de retratos com a técnica de giz de cera. Ademais, como estava exposto num empreendimento, poderia estar à venda, indicando que Julieta, possivelmente, comercializava sua arte e estava inserida no mercado artístico porto-alegrense e sulino oitocentista.

Ainda, em 13 de dezembro de 1889, consta uma notícia de que o maestro Luiz Roberti⁶ convocou uma reunião no salão de frente do Theatro São Pedro, em Porto Alegre, para dar mais informações sobre um concerto a ser realizado na cidade. Inicialmente, propôs que os ganhos do evento fossem doados para o pagamento de uma dívida interna nacional, algo que foi unanimemente aprovado. Em seguida, membros da sociedade civil propuseram a criação de comissões para a organização do concerto, dentre as quais, na musical, está Joaquim José Felizardo. Além disso, cria-se uma extensa comissão para a participação feminina, que contém Julieta (Concerto, 1889).⁷ Tais considerações indicam que Julieta era conhecedora da música e que teve incentivo familiar, por influência do pai, para adquirir conhecimentos em tal área.

⁶ Amorim e Wolff (2019) providenciam mais informações sobre Luiz Roberti: em Porto Alegre, em 18 de março de 1886, ocorreu, no Theatro São Pedro, um expressivo espetáculo em benefício de Luiz Roberti, maestro e empresário da Grande Companhia Lírica Italiana, sendo este um grupo que estava em cartaz na cidade na época.

⁷ Além de Julieta, as seguintes mulheres constam na extensa lista de composição da comissão — reproduzida com grafia de nomes *ipsis litteris* —, manifestando que tais porto-alegrenses da época detinham gosto e conhecimento musical: Maria Luiza Duclos; Maria Luiza Pereira; Dolores da Silva Pereira; Maria Luiza Machado; Luiza Fernandes Barcellos; Julia Lara; Palmira Lara de Almeida; Maria José Gomes Barcellos; Anna Schell; Maria Saboia de Medeiros; Izabel Machado; Delphina dos Santos; Florinda Primavera; Mathilde Corrêa de Souza; Julia Martins Costa; Luiza Reis; Maria Reis; Anna Reis; Alice Vieira; Maria Francisca Barreto Vianna; Maria José Corrêa da Camara; Alice Silva Pereira; Isolina Guterres; Amalia Fontoura; Zilda Raineri; Paplina Ferraz; Maria da Gloria Ladeira Poeta; Cecilia Barcellos Carvalho; Henriqueta Brito; Alzira Brito; Antonieta Carvalho; Nicolosa de Abreu Lima; Mariana Dolores Gimenez; Joanna Barreto Pereira; Maria de Azevedo Pereira; Cecilia Leite de Castro; Laura Villeroy de Albuquerque; Henriqueta Figueiredo Guimarães; e Oscarlina Simioni (Concerto, 1889). Anna Schell, posteriormente, casar-se-ia com Joaquim José Felizardo Júnior, irmão de Julieta, passando a integrar a família Felizardo e tornando-se cunhada de Julieta.

Poucos números depois, em 28 de dezembro de 1889, o periódico porto-alegrense relata a ocorrência de um concerto da orquestra filarmônica, em que, junto a alguns outros homens e mulheres, Julieta executou um número musical (Philarmonica, 1889). Tratou-se de um solo de Thalberg para piano, evidenciando mais profundamente sua conexão com a música, indicando que, além de artista visual, era uma musicista em consonância com as produções europeias de seu tempo.

No mesmo número, há um anúncio retomando o concerto beneficente do maestro Luiz Roberti, apresentando mais informações. Consta que aconteceria em 29 de dezembro de 1889, em três partes, com início às 20h30. Na terceira parte, há diversos números performados com participações de mulheres,⁸ incluindo Julieta, que acompanhou Isabel Machado, Felizardo Júnior⁹ e Octaviano Furtado em *Fiore che langue*, uma *romanza* de Augusto Rotoli (Annuncios, 1889).

No ano seguinte, é informado que, no dia 4 de maio, às 20h30, ocorreria uma festa artística em despedida da violinista italiana Giulietta Dionesi, que aproveita a nota em jornal para agradecer à mocidade da Escola Militar e a diversas mulheres, dentre elas, Julieta (Theatro... 1890). Ainda sobre esse evento, no nº 101, de 5 de maio de 1890, aparecem mais detalhes, constando que Giulietta recebeu buquês especiais em sua homenagem, sendo um deles dado por Julieta (Pelo theatro... 1890).

Em um número de 1894, observa-se que Julieta doou 10\$000 para obras realizadas na Catedral de Porto Alegre (Obras... 1894), enquanto, em um de 1899, noticia-se uma doação de outros 10\$000, em seu nome, para a instituição “Pão dos Pobres” (Concorreram... 1899), evidenciando seu trabalho como filantropa.

O ano de 1903 marca a morte do marido de Julieta, impactando tanto ela como a filha. Onze dias após o falecimento, em 21 de fevereiro de 1903, *A Federação* utiliza um número para inserir o texto “Voto de gratidão”, em sua seção livre. Trata-se de um necrológio de Sebastião, relatando a realização de diversas homenagens e atos em memória do falecido pela população de Porto Alegre, pelos quais a recém-viúva e Maria, além das famílias Felizardo e Leão, expressam agradecimento (Voto... 1903). Pouco tempo depois, em 1905, há um registro mortuário acerca do falecimento de Anna Schell Felizardo, esposa de Joaquim José Felizardo Júnior e cunhada de Julieta. Em uma cerimônia fúnebre de inspiração positivista — com retrato de Clotilde de Vaux e busto de Augusto Comte, juntamente a uma imagem da falecida —, é relatado que um órgão executou diversas composições e que Julieta tocou ao

⁸ Um deles, inclusive, por uma mulher individualmente, *Dernière espérance*, por Zilda Reineri, no piano.

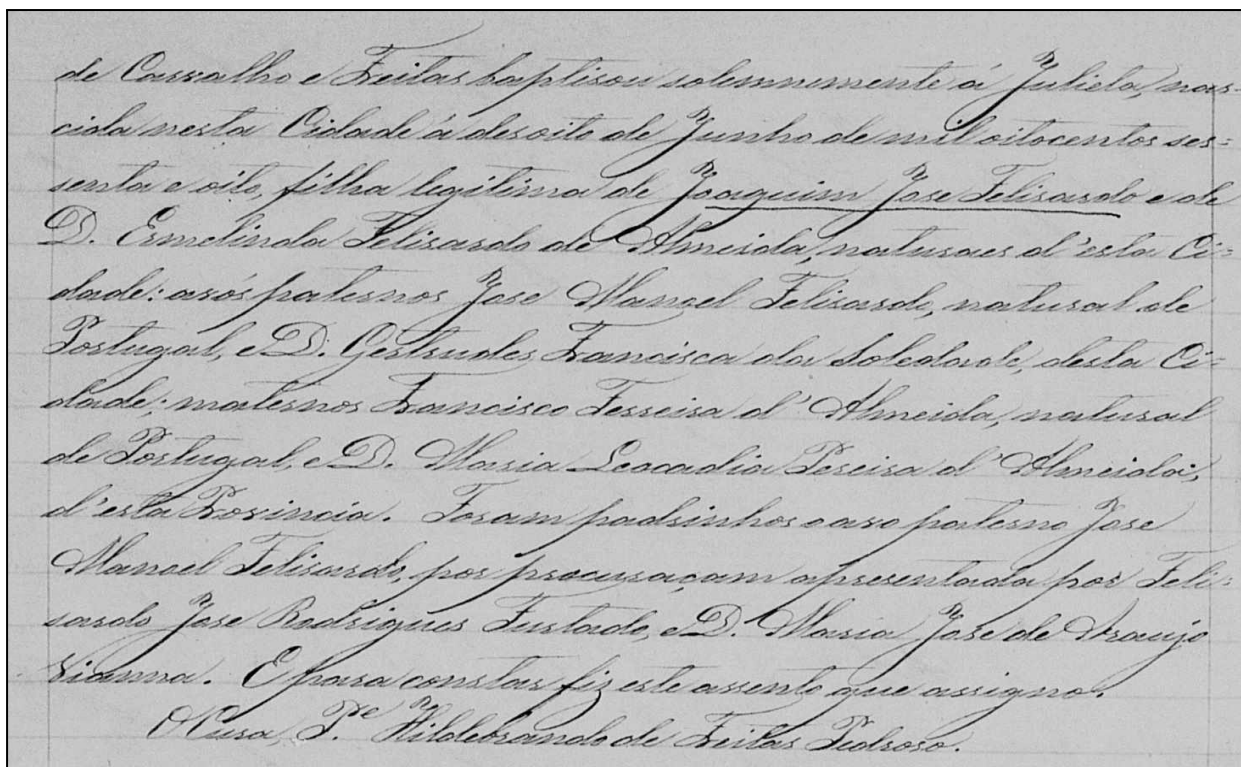
⁹ Infere-se que seja o irmão de Julieta, Joaquim José Felizardo Júnior.

piano *Salve Maria*, de Saverio Mercadante, em homenagem à finada, manifestando sua expressão artístico-musical de inspiração italiana (Registro... 1905).

A morte de entes queridos não impediu a viúva de continuar sua carreira artística. Retomando o que fora mencionado por Vargas (2017), *A Federação* foi o jornal responsável por, numa notícia de 10 de abril de 1908, comunicar sobre a composição da comissão organizadora do Instituto Livre de Belas Artes, incluindo Julieta (Instituto... 1908a). É informado que Julieta, num momento inicial, não ratificou a ata de constituição do Instituto, por estar doente (Instituto... 1908b). Entretanto, depois de curada, continuou a sua carreira artística; desta vez, como professora de piano, acrescentando-se ao conhecimento de sua biografia mais um ofício em relação à música. É relatado, em 13 de dezembro de 1909, que Julieta participou de um sarau na residência de Hermelinda Felizardo, juntamente às suas discípulas, responsáveis por uma performance pianística. O redator louva Julieta e as estudantes, afirmando que “[...] sob a égide de tão competente professora, se tornarão por si tantas almas capazes de se embrenharem na arte immensamente esthetica da musica.” (Na residencia... 1909, p. 4).

Após essa menção, a heterogeneidade de textos relativos à presença de Julieta na imprensa vai se desvanecendo aos poucos. Encontra-se num número de maio de 1918 uma última referência à sua vida pública, mais especificamente, à sua vinculação religiosa, pois Julieta constituiu parte de um feito à Santa Rita na Catedral Metropolitana de Porto Alegre (Secção... 1918). Para além disso, há diversas notas, na seção “Registro social” d’*A Federação*, comemorando seu aniversário no dia seguinte, o que denota mais uma importante informação a seu respeito: Julieta, supostamente, nasceu em 19 de junho (Registro... 1910). Entretanto, em seu registro de batismo, consta o seguinte:

Figura 3 – Excerto de registro de batismo de Julieta



Fonte: *Batismos 18*, Diocese de Porto Alegre, Paróquia Madre de Deus, 1. 12. 1867–20. 3. 1873, s. d., s. p.
Fotógrafo Wilson de Oliveira, redução 15, data de filmagem 11 fev. 1984, exposição 64+8, número da emulsão AHU.5460.305-4, número da máquina Mod. E. 2842, número do projeto BRZC 1.023, número do rolo 14.
Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:6NVF-4K1S?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2025.

A partir de noções elementares de Paleografia, realiza-se a seguinte transcrição:

“de Carvalho e Freitas batipsou solemnemente á Julieta, nascida nesta Cidade a desoito de Junho de mil oitocentos e sessenta e oito, filha legitima de Joaquim Jose Felisardo e de D. Ermelinda Felisardo de Almeida, naturaes d’esta Cidade; avós paternos Jose Manoel Felisardo, natural de Portugal, e D. Gertrudes Francisca da Soledade, desta cidade; maternos Francisco Ferreira d’Almeida, natural de Portugal, e D. Maria Leocadia Pereira d’Almeida; desta Provincia. Foram padrinhos o avo paterno Jose Manoel Felisardo, por procuraçam apresentada por Felisardo Jose Rodrigues Furtado, e D. Maria Jose de Araujo Vianna. E para constar fiz este assento que assigno.
O Cura, P.^e Hildebrando de Freitas Pedroso.” (BATISMOS, s. d., s. p.).

Dessa maneira, caso seja considerado o que aparece nessa outra fonte primária, Julieta nasceu em 18 de junho de 1868, não em 19, como veiculou-se em jornais. Ademais, o excerto revela fatos interessantes sobre ela e sua família, como: o ano de seu nascimento, 1868; os nomes de seus avós paternos, José Manuel Felizardo e Gertrudes Francisca Felizardo; os nomes de seus avós maternos, Francisco Ferreira de Almeida e Maria Leocádia Pereira de Almeida; o local de nascimento dos dois avôs ter sido em Portugal e o das duas avós, em Porto Alegre; o padrinho ter sido seu avô paterno, José, por procuração, e uma outra mulher desconhecida.

Sua participação em periódicos encerra-se com uma esclarecedora nota, na segunda página d'*A Federação*, no dia 5 de fevereiro de 1926: “Falleceu esta tarde, nesta capital, a exma. sra. d. Julieta Felizardo de Leão, viuva do extinto medico dr. Sebastião de Leão.” (Necrologia, 1926).

Do Rio Grande do Sul, além de *A Federação*, Julieta apareceu na edição de 1904 do *Almanaque Popular Brasileiro*, de Pelotas, em um esboço biográfico de seu marido, informando a data do casamento e a existência da filha do casal (Dr. Sebastião... 1904).¹⁰ Apesar de apenas esses dois circularem seu nome no estado no período consultado, periódicos de outras regiões também o veicularam em suas páginas.

Na seção “Movimento do porto”, num número de 28 de janeiro de 1907, o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, relatou uma viagem feita por Julieta e sua filha. Consta que ela esteve presente no paquete Santos, partindo de Montevidéu e fazendo escalas, durante 11 dias, para chegar em Santos, onde realizou outra escala. Como o jornal que veiculou a movimentação em questão é fluminense e a informou para o dia 27 de janeiro, estima-se que o destino final foi o Rio de Janeiro. Com isso, nota-se que Julieta circulava, fisicamente, nos âmbitos nacionais e internacionais; como não há informação da presença do marido junto a ela, é marcante que uma mulher, no início do século XX, transitasse sem acompanhante masculino, indicando emancipação (Movimento... 1907).

Uma menção foi encontrada em *Il Bersagliere*, periódico fluminense que conta com artigos em italiano e português, a partir de uma carta aberta de uma redatora anônima, em 5 de maio de 1904. Intitulado “Em defesa da mulher brasileira”, o texto relata um acontecimento aparentemente recente na Argentina, em que a escritora espanhola Concepción Gimeno de Fláquer publicou um artigo criticando as mulheres do Brasil, tendo essas sido defendidas por Eva Canel, autora nascida na Espanha e estabelecida em Cuba. A redatora aproveita para desaprovar a atitude de Concepción, defender seu país e recomendar a leitura de *Mulheres ilustres do Brasil*, de Inês Sabino. Ela enaltece as riquezas naturais e as mulheres nacionais, principalmente escritoras, embora reconheça que havia um atraso intelectual, que vinha sendo combatido por elas. O tom da carta é condenatório, como se constata no seguinte excerto:

“V. Exa. com seu inqualificavel procedimento traduziu em letra de imprensa a nullidade dos seus conhecimentos, o zero da sua educação.

¹⁰ Uma aparição similar ocorreu numa biografia veiculada na revista *Leitura para Todos*, do Rio de Janeiro, em 1920, de autoria do Dr. Olinto de Oliveira, datada de agosto de 1903 e enviada de Porto Alegre (Dr. Sebastião... 1920).

Dou-me os jubilosos parabens por não conhecer [...] a nulla personalidade litteraria da escriptora Concepciom [sic] Gimeno del Flaquer, que nós as brasileiras, cognominaremos de hoje em diante — *la gracera!*” (Em defeza... 1904, p. 9).

A parte em que a redatora enaltece as escritoras de variados estados é interessante, pois se apresenta como uma fonte para o estudo da literatura de mulheres do início do século XX, quando a carta foi publicada.¹¹ Em meio a nomes conhecidos de autoras nacionais, como Júlia Lopes de Almeida, e regionais, tal qual Revocata Heloísa de Melo, está o de Julieta Felizardo Leão, que tem a primeira menção de sua conexão com as Letras apresentada neste estudo.

Nos anos de 1921 e 1922, em dois números do fluminense *Almanaque Laemmert*, outra faceta da ligação de Julieta às Letras é explicitada, pouco antes de seu falecimento em 1926: conforme a lista de ofícios do anuário, ela estaria atuando como tradutora juramentada no Rio Grande do Sul, sendo a única mulher juntamente a apenas outros dois homens, na Rua Duque de Caxias, nº 254, situada no atual bairro Centro Histórico, em Porto Alegre (Traductores... 1921; Traductores... 1922). Tal dado encerra sua participação na imprensa nacional até a década de seu falecimento.

Considerações finais

Este artigo buscou investigar dados sobre a vida e a obra de Geldipa Guimarães e Julieta Felizardo Leão, visando colaborar para a reconstrução histórica de suas trajetórias e contribuições intelectuais, assim como para a reversão do apagamento da memória de mulheres do século XIX. Metodologicamente, adotou-se revisão bibliográfica e documental, com base em fontes secundárias, como produções acadêmicas, e fontes primárias, como publicações da imprensa periódica. Constatou-se que, embora ausentes de estudos em níveis nacional e regional, as duas escritoras estiveram presentes no meio cultural do Rio Grande do Sul do fim dos oitocentos, informação reiterada a partir da imprensa do fim do século XIX e início do XX.

¹¹ As seguintes escritoras e jornalistas do Rio Grande do Sul estão citadas na carta, conforme grafia original: Mathilde Ulrich; Revocata de Mello; Julieta de M. Monteiro; Candida F. Brandão; Anna Aurora; Zamira Lisboa; Carlota do Amaral; Candida Abreu Pereira; Maria Clara da Cunha Santos; Pidelina Ferreira [sic, Ridelina]; Abrantina Cardouce [sic, Ibrantina Cardona], Honorina Torres Corrêa; Adelia Marquez; Zilda Gama; Agortina Guizardi; Anno Alencar [sic, Anna]; Carolina von Koseritz; Tercilia Nunes Lobo; Eudocia Assumpção; Anna Alvim; Laurentina Pillar; Virgilia Rezende; Marina Noronha; Rosa Fontana; Horacina Maissonette; Mathilde Mazon; Maria José Olinto Carneiro; Celina Alves; Pepita Leão; Julieta Felizardo; Annalia V. do Nascimento; Alba de Lima; Anna S. Velloso; e Jacy Peres.

Assim, em relação a Geldipa Guimarães, pôde-se verificar informações relativas à sua vivência e à sua literatura. Residindo no município de Arroio Grande, no extremo sul gaúcho, participou de círculos sociais estaduais, para os quais contribuiu com texto encomiástico que pode ser interpretado como prosa poética, evidenciando inspirações do Romantismo em sua escrita.

Já Julieta Felizardo Leão deixou, nas páginas de periódicos, mais rastros sobre sua vivência e conexão com outras formas de arte e Letras. Descobriu-se que nasceu em 18 ou 19 de junho de 1868 e que faleceu em 5 de fevereiro de 1926, sendo parte de um círculo familiar que valorizava a cultura, como esposa de um dos fundadores da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, com quem teve uma filha, e um irmão adepto à música. Durante sua vida, cultivou o fazer artístico em suas variadas linguagens, notadamente pintura e música, sendo esta em que se destacou no cenário municipal, com suas performances de piano, instrumento que dominou, atuando como professora. Ademais, teve parte na criação do Instituto Livre de Belas Artes, um papel que revela sua preocupação com o desenvolvimento artístico de Porto Alegre. Nas Letras, ocupou um ofício incomum às mulheres de seu período: a tradução juramentada, oficial. Ainda, encontrou tempo para participar da vida pública, com doações financeiras e presença em eventos religiosos, e viajou por outros lugares do Brasil e do exterior, sendo mencionada em periódicos de outros estados do País, até mesmo como escritora — sendo uma lástima que nenhum texto literário de sua autoria tenha sido encontrado. Foi, com base neste levantamento, artista visual, musicista, professora, tradutora e filantropa.

Esta pesquisa, enfim, demonstrou como a memória sobre as escritoras pode ser reconstituída e mantida — após apagamentos — conforme os mecanismos de consagração hegemônicos. O esquecimento dessas mulheres não decorre da falta de inserção no cenário sociocultural de seus tempos, mas de uma estrutura que privilegiou determinadas vozes em detrimento de outras, especialmente no que tange às mulheres. Nesse contexto, as fontes primárias de investigação — a partir da revista *A Mensageira*, que as lembrou, seguida por outras diversas, como *A Federação*, *Almanaque Popular Brasileiro*, *Jornal do Brasil*, *Il Bersagliere*, *Almanaque Laemmert*, e de documentos históricos — demonstraram-se úteis para aprofundar a recuperação de traços biográficos e registros de suas atuações intelectuais que permaneceram no passado, auxiliando na reversão de seus apagamentos.

REFERÊNCIAS

ACHA-SE exposto em uma vitrine... *A Federação*, Porto Alegre, n. 18, 21 jan. 1888. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/4103>. Acesso em: 19 fev. 2025.

ANNUNCIOS. *A Federação*, Porto Alegre, n. 298, 28 dez. 1889. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/5221>. Acesso em: 19 fev. 2025.

AMORIM, Humberto; WOLFF, Daniel. Movimentos do violão no Rio Grande do Sul oitocentista. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 1-27, 2019.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. Edição fac-similar, v. 1, p. 1-2.

ARAUJO, Maria Iveta de. Agradecimento. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*. [S. l.]: [S. n.], 1893. p. 200.

BATISMOS 18. Porto Alegre, s. d., s. p. *FamilySearch*, [online], 17 jul. 2025. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:6NVF-4K1S?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2025.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. v. 3.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899. v. 5.

CARDONA, Ibrantina. Carta. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. Edição fac-similar, v. 1, p. 38-41,

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CONCERTO. *A Federação*, Porto Alegre, n. 286, 13 dez. 1889. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/5172>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CONCORRERAM para a caridosa Instituição. *A Federação*, Porto Alegre, n. 269, 25 nov. 1889. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/11170>. Acesso em: 4 mar. 2025.

DR. SEBASTIÃO Leão. *Almanach Popular Brasileiro*. Pelotas, 1904, p. 299. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/829684/851>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DR. SEBASTIÃO Leão. *Leitura para Todos*, Rio de Janeiro, n. 16, nov. 1920. s. p. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/348074/16705>. Acesso em: 26 mar. 2025.

DUARTE, Constância Lima (Org.). *Memorial do memoricídio*: escritoras brasileiras esquecidas pela história. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

EM DEFEZA da mulher brasileira. *Il Bersaglière*, Rio de Janeiro, n. comemorativo, 5 mai. 1904, p. 8-9. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/347949/1726>. Acesso em: 26 mar. 2025.

EVEN-ZOHAR, Itamar. O sistema literário. *Translatio*, Porto Alegre, s. v., n. 5, p. 22-45, 2013.

FIGUEIRÓ, Raquel Braun. *Os deslocamentos do Leão*: uma análise da trajetória do médico Sebastião Leão em um contexto racializado — Porto Alegre de 1866 até 1903. 2007. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/76249>. Acesso em: 17 jul. 2025.

- FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. 2 ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011.
- GUIMARÃES, Geldipa. Saudação. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (org.). *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*. [S. l.]: [S. n.], 1893. p. 199.
- INSTITUCIONAL. Disponível em: <https://www.arl.org.br/sobre/apresentacao>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- INSTITUTO de Bellas Artes. *A Federação*, Porto Alegre, n. 86, 10 abr. 1908a. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/20156>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- INSTITUTO de Bellas Artes. *A Federação*, Porto Alegre, n. 90, 15 abr. 1908b. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/20172>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e poética. In: JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. 20. ed. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 2005. p. 118-162.
- KAMITA, Rosana Cássia. Revista *A Mensageira*: alvorecer de uma nova era? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 164-168, set./dez. 2004.
- KNAPP, Cristina Löff. Revista *A Mensageira*: ascensão da mulher no universo letrado. *Jangada*, Viçosa, v. 2, n. 15, p. 87-105, jan./jun. 2020.
- LUCA, Leonora de. *A Mensageira*: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOVIMENTO do Porto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 28, 28 jan. 1907. p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/030015_02/21772. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Ibrantina Cardona. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis; Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, v. 2. p. 429-463.
- NA RESIDENCIA da venerada senhora. *A Federação*, Porto Alegre, n. 287, 13 dez. 1909. p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/22254>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- NECROLOGIA. *A Federação*, Porto Alegre, n. 30, 5 fev. 1926. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/58010>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- OBRAS da Cathedral. *A Federação*, Porto Alegre, n. 292, 18 dez. 1894. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/6966>. Acesso em: 4 mar. 2025.
- PELO THEATRO. *A Federação*, Porto Alegre, n. 101, 5 mai. 1890. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/5628>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- PHILARMONICA. *A Federação*, Porto Alegre, n. 298, 28 dez. 1889. p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/5219>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- PÓVOAS, Mauro Nicola. Um quebra-cabeça parcialmente reconstituído: a vida e a obra de Tercília Nunes Lobo. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Retratos de camafeu*: biografias de escritoras sul-rio-grandenses. Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 77-95.
- REGISTRO mortuario. *A Federação*, Porto Alegre, n. 136, 12 jun. 1905. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/16635>. Acesso em: 4 mar. 2025.

REGISTRO social. *A Federação*, Porto Alegre, n. 140, 18 jun. 1910. p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/388653/22874>. Acesso em: 5 mar. 2025.

SECÇÃO Catholica. *A Federação*, Porto Alegre, n. 121, 24 mai. 1918. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/39004>. Acesso em: 5 mar. 2025.

SEGALIN, Linara Bessega. “Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras?” *As mulheres nos almanaques gaúchos (1889-1910)*. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/78177>. Acesso em: 17 jul. 2025.

THEATRO S. Pedro. *A Federação*, Porto Alegre, n. 99, 1 mai. 1890. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/388653/5621>. Acesso em: 19 fev. 2025.

TRADUCTORES juramentados. *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, s. n., 1921. p. 4676-F. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394/79060>. Acesso em: 28 mar. 2025.

TRADUCTORES juramentados. *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, s. n., 1922. p. 4676-F. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/313394/82788>. Acesso em: 28 mar. 2025.

VIEIRA, Damasceno. Preludiando. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. Edição fac-similar, v. 1, p. 340-345.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*: autores. Porto Alegre: A Nação, 1974.

VARGAS, Rosane Teixeira de. *Ser mulher, ser artista*: as primeiras décadas da Escola de Artes do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26., 2017, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 3749-3758.

VOTO de gratidão. *A Federação*, Porto Alegre, n. 45, 21 fev. 1903. p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/388653/13849>. Acesso em: 4 mar. 2025.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Anália Vieira do Nascimento: poetisa gaúcha no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Retratos de camafêu*: biografias de escritoras sul-rio-grandenses. Lisboa: Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização; Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 13-30.

Guilherme Barp é Doutorando em Letras/Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Profa. Dra. Cinara Ferreira e coorientado pela Profa. Dra. Regina Zilberman. Mestre em Letras/Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023), tendo recebido indicação unânime de voto de louvor pela Dissertação. Atua como professor substituto de Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/ Campus Caxias do Sul, na Educação Básica e no Ensino Superior. Participa, como pesquisador voluntário, do grupo de pesquisa "Interdisciplinaridade entre Letras e Direito", da UCS.

Artigo recebido em 05/09/2025. Aprovado em 10/11/2025.